This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

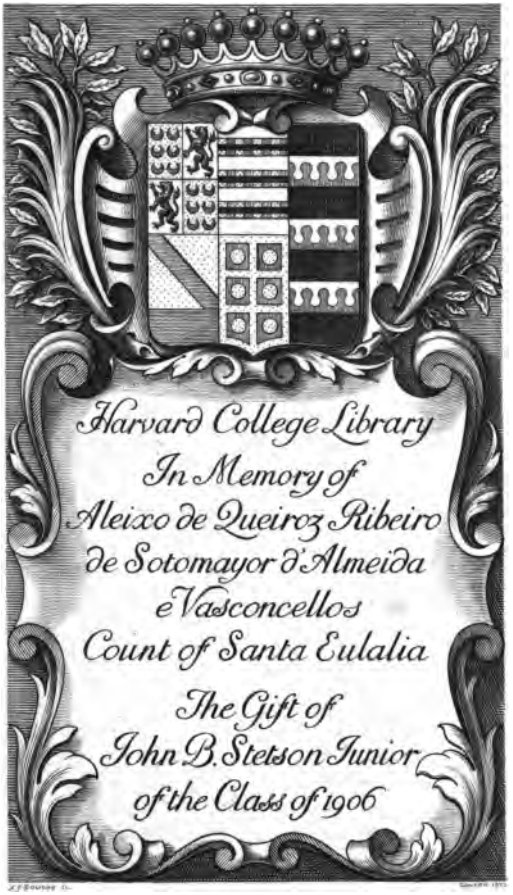
Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

Feijó - Transfigurações, 1878-1882. - 1882

Port
6014
15.30

WIDENER
HN ZJ4F R

Port 6014.15.305



2125
Cav. G

ANTONIO FEIJÓ

TRANSFIGURAÇÕES

1878-1882

CONTEMPLAÇÕES. — A MORTE DO IDEAL.
PANTHEISMO. — ESPHYNGE ETERNA. — AHASVERUS.
SACERDOS MAGNUS. — ESBOÇO D'EPOPÊA

COIMBRA
LIVRARIA CENTRAL DE JOSÉ DIOGO PIRES, EDITOR
9—Largo da Sé Velha—10
1882

Port 6014.15.305

HARVARD COLLEGE LIBRARY
FROM THE LIBRARY OF
FERNANDO PALHA
DECEMBER 3, 1928

IMPRENSA DA UNIVERSIDADE

PREFACIO

Explica-ſe em poucas palavras a intenção que me levou a colleccionar eſte livro. Quiz archivar, num volume, os verſos eſcriptos dos 18 aos 22 annos, que mais accentuadamente repreſentaſſem as phaſes percorridas na evolução philoſophica do meu eſpirito.

Dou-os á publicidade, como documentos, apenas, formando uma eſpecie d'auto-biographia, a hiſtoria da minha intelligencia alargando-ſe gradualmente, pelo eſtudo, na comprehenſão das modernas verdades ſcientificas.

D'ahi as ſucceſſivas *tranſſiguraçoes* do Sentimento artiſtico ſob a influencia de diverſas crenças philo-

ſophicas, deſde o peſſimiſmo de Schopenhauer e Leopardi, o grande poeta da *Infelicidade,* até ás doutrinas largamente proclamadas d'Auguſto Comte e Herbert Spencer.

A. F.

CONTEMPLAÇÕES

1878

Perchè venimmo a sí perversi tempi?

LEOPARDI.

Le cœur content, je suis monté sur la montagne
D'où l'on peut contempler la ville en son ampleur,
Hôpital, lupanars, purgatoires, enfer, bagne,
Où toute énormité fleurit comme une fleur.

CH. BAUDELAIRE, *Petits poëmes en prose—Épilogue.*

A luz da madrugada eſbate-ſe no azul...
Ao placido correr das nevoas para o ſul,
o vento, eſguedelhando a côma das floreſtas,
diffunde pelo eſpaço o aroma das gieſtas,
um aroma ſubtil, myſterioſo e bom...

Eſplendida harmonia: a luz, a côr e o ſom!

Que immenſa alacridade em toda a Natureza!
Do arroio que ſerpêa ao freſco da deveſa,
do monte que recorta a vaſtidão do ar,
ao lirio mais perfeito, á roſa mais vulgar,
tudo ſaúda e canta o deſpertar da vida...

No horizonte ſumiu-ſe a noite eſpavorida...
Como flechas de luz ſurgindo os arreboes,
na floreſta em rumôr cântam os rouxinoes...

É dia nado. O ſol deſtaca-ſe no oriente
como o olho febril d'um bebado dormente...
Aos ſorriſos de luz, ao beijo creador
da madrugada, acorda a Natureza em flor.
Por toda a parte a lucta, a lucta fecundante!
Todo eſte deſbordar de ſeiva luxuriante
no eterno circular do ſangue vegetal;
todo eſte irradiar da vida univerſal,
faz-nos penſar a nós, ſimples mortaes que ſomos,
—em ſilencio, aſſiſtindo ao rebentar dos gomos
num impeto de força e de vigor febril—
ſe para nós não ſurge o eſplendoroſo abril,
ſe não ha para nós eternas primaveras
com novas illuſões e ſonhos e chimeras!...

Quem, nas aureas manhãs do eſtio, contemplar
as fulvas exploſões da aurora a deſpontar
como chuva de luz banhando a terra inteira,
ſente-ſe remoçar das luctas, da canceira
d'eſta vida cruel; e o triſte coração
dilata-ſe tambem num extaſis pagão.

Oh grande Natureza! oh boa mãe! Eu cuido
que a força que te nutre é luminoſo fluido
que produz a alegria, os ſonhos e o prazer...
Foi quem deu o ſorriſo aos labios da mulher,
quem deu á cotovia a matinal garganta,
perfumes ao luar, tanta belleza, tanta,
que eu lanço-me de rojo em plena adoração!

Em todo eſte eſplendor dilato o coração.
Quero eſquecer a dôr, quero eſmagar o tedio,
fugir das tentações ao luminoſo aſſedio,
e apagar da memoria a larga cicatriz
do Mal que já lançou fundiſſima raiz.
Mas quando julgo achar antidoto ao tormento,
quando julgo encontrar a paz do eſquecimento,
cuja lima acerada eternamente roe
o peito da criança e o coração do heroe,

*

—do alto da montanha onde contemplo mudo
as floreſtas, o mar, a immenſidade, tudo,
vejo que o ſol inunda a velha capital,
que dorme áquella hora um ſomno beſtial
feito de treva e magua e peſadelo e crimes...

Oh ſol! velho fétiche! os teus clarões ſublimes
acaſo não irão manchar-ſe no paúl?
Acaſo a tua luz, da vaſtidão do azul,
entrando nos bordeis, nas rodas, nos hoſpicios,
em toda a podridão onde fermentam vicios,
nunca maculará teu nitido eſplendor?
A toda a parte vai teu fogo abraſador
e é ſempre caſto e puro o brilho dos teus raios...
Nunca o teu rutilar na ſombra tem deſmaios...
És ſempre o meſmo, oh ſol!

E a velha capital
continúa dormindo o ſomno beſtial
e com ella repoiſa o ſequito dos vicios...

As crianças ſem pae atiram-ſe aos hoſpicios,
proſtitue-ſe a mulher que não tem pão nem lar...
A honra expatriou-ſe, o amor não tem altar!

Neſta gravitação continua para a morte,
o Mal é para nós a eſtrella azul do norte.
E o ſol é como um rei que vai calado e ſó
poiſando em tudo o olhar ſem ſe cobrir de dó...

No ſiniſtro canteiro, as ruas da cidade,
viceja e creſce alli toda a monſtruoſidade,
brota por toda a parte o fructo de Kaïn.
Quem ſabe o que virá no decorrer ſem fim
do tempo, o velho abutre, o furacão dos dias?!
Não ſe pode apagar o ſtigma das orgias
na face trivial da noſſa geração.
Não ſe pode arrancar do noſſo coração
a dor, o ſoffrimento...
Eu afinal deſcreio:
o tumulo é ſómente inſaciaval ſeio
e não eterno berço.
E neſta luctа audaz
que vamos batalhando á luz d'um ceu minaz,
neſta luctа cruel, horrivelmente inſana,
tão velha como a terra e como a raça humana,
luctа entre o Bem e o Mal, a eſcuridão e a luz,
entre a Verdade e o Erro,—o que é que nos ſeduz?
O crime é quem nos lança á onda da exiſtencia,

foi quem deſpedaçou a noſſa conſciencia
levada de vencida! Os ſymbolos do Mal
têm ſempre para nós a ſeducção fatal
do fructo prohibido...
Eu afinal deſcreio:
o tumulo é ſómente inſaciavel ſeio.

A MORTE DO IDEAL

1878

> Le bonheur est donc toujours dans l'avenir ou dans le passé, et le présent est comme un petit nuage sombre que le vent promène sur la plaine ensoleillée; devant lui, derrière lui, tout est lumineux, lui seul jette toujours une ombre.
>
> SCHOPENHAUER, *Pensées et Fragments.*
> Trad. de Bourdeau.

A rude legião dos vicios e do crime
arrafou, deſtruiu o templo do ſublime
erguido á grande luz dos velhos ideaes
no eterno labutar de genios immortaes.
D'ha muito que rolou a funeraria tampa

na cova coloſſal, na ſilencioſa campa,
que no ſeu ventre eſconde as grandes creações
naſcidas ao calor d'extinctas gerações.
Do eſcuro revolver das podridões modernas
já não vemos ſurgir eſſas viſões eternas,
os vultos ideaes d'*Ophelia* e de *Romeu*.
Beatriz cançou-ſe já de contemplar o ceu;
e a branca apparição, a triſte *Margarida*,
banhada de luar, ſerena e combalida,
um dia amanheceu no leito dos bordeis.

Neſta miſeria atroz que de viſões crueis!
Os poetas do amor, os bardos romaneſcos,
apparecem agora infames e groteſcos
ſob o fraque do dandy occultos muita vez.
E o velho *D. João*, a imagem da altivez,
a grande creação filha do ſcepticiſmo,
tombou na eſcuridão ſiniſtra d'um abyſmo
impellido, talvez, pela convulſa mão
d'uma mulher ſombria, a deuſa Indignação,
coberto de vergonha e cheio d'ignominia!
É que a deuſa cruel, eſſa mulher ſanguinea,
não te ſoube entender, *candido corruptor!*
Tu tinhas phantaſiado um ideal d'amor

que andafte procurando em loucos defvarios
fympathica figura!... Occultos e fombrios
teus defignios febris, a tua crença e fé
cantou-os largamente a penna de Muffet.
Agora a fociedade, effa matrona horrivel
que não fabe entender as crenças do Poffivel
—a janella do Sonho illuminando o Real—
gravita de continuo em derredor do Mal,
o foco d'attracções da geração moderna.
E nefta hefitação, nefta anarchia eterna,
a febre nos devora, a infpiração morreu.
A folidão calada e myftica do ceu
já não é para nós aquella fombra amiga
que fabia applacar a grande magua antiga
de noffos vifavós cançados de luctar.
As legendas crueis e tragicas do mar
perderam a poefia, e o vulto das ondinas
não perpaffa na praia envolto nas neblinas,
o efbranquiçado veu das limpidas manhãs.
A primavera chora as illufões pagãs;
e as rajadas do ful laftimam triftemente
a edade que paffou num foluçar plangente.

Ninguem entende agora a cafta embriaguez

dos peitos virginaes que ao pôr do ſol, talvez
chorem convulſamente eſſas paſſadas eras
d'uma edade feliz, doirada de chimeras!
É que tombou d'ha muito a imagem do Ideal
na denſa eſcuridão da campa glacial.
As muſas do lyriſmo, eſplendidas bohemias,
morreram eſcutando as perfidas blaſphemias
d'eſpiritos ſubtis num rabido eſtralar.
Chorou-as triſtemente o morbido luar
ao vel-as ſuccumbir no immenſo vilipendio,
e o deſolado ſol no deſlumbrante incendio
da luz crepuſcular cheio de reſplendores!
Os aſtros pelo azul, como abrazadas flores,
conſervam-lhes da alma a eſſencia virginal
radiante como a luz batendo num cryſtal.

E agora a ſociedade, eſſomeado abutre,
que de vicios ſervis e de paixões ſe nutre
odeia da conſciencia o immaculado alvor!
Farçada beſtial! quadro deſolador!

Da miſeria ſem nome aos ultimos prodigios
da gloria, o Mal gravou os tragicos veſtigios...
No ſeculo impaciente em que vivemos nós

hyſterico e febril, ha um remorſo atroz
de continuo a raſgar-lhe as fibras polluidas.
Ha um quê de ſiniſtro, ha notas proſtituidas,
alguma coiſa má, chimerica e fallaz,
que nos arraſta e impelle á viva luz do gaz
pela eſtrada do Mal, pelos vergeis do Tedio!...

Ninguem achou ainda o ſalutar remedio.

O dever foi expulſo á radioſa luz
da grande barricada; a honra não ſeduz.
Na lucta coloſſal que ha muito ſe travára
a moral ſuccumbiu na ſua eſtringe clara
e lançaram depois a onda dos refens
á gula beſtial e ſordida dos cães.

Contradicção ſiniſtra, horrivel e antithetica!

Trocou-ſe para ſempre a adoração da eſthetica
pelo goſo cruel das violações brutaes.
Occultam-ſe na ſombra os velhos ideaes...
E a tôrva ſociedade, a doida extravagante,
com riſos d'hiſtrião e dictos de farçante,
traz-nos á idêa um rôto e miſero arlequim

que ouſaſſe declamar o funebre latim
d'um *De profundis*... ſobre os reſtos d'uma ceia.

Neſte deſmoronar apenas nos enleia
no grande irradiar d'uma attracção fatal
a fina vibração metallica do Mal.
Adoramos agora as coiſas mais corruptas,
o egoiſmo, a traição, a infamia, as proſtitutas,
e trazemos em nós eſſa paixão ſervil
da velha hypocriſia—uma mulher ſenil
que d'ha muito ſubjuga as noſſas conſciencias...

Mas d'eſtas podridões ſahem phoſphorencias
mais fulvas do que o ſol, mais doces que o luar,
eſplendidos clarões que vêm illuminar
o caminho da honra e do dever ao homem
ataſcado no vicio e nas paixões que o ſomem
moſtrando-lhe do Bem o immaculado azul.
E um dia o perpaſſar dos furacões do ſul
ha de varrer tambem o ultimo remorſo
da ſua conſciencia—abendiçoado eſſorço!
Mas inda é muito cedo, e tarde chegará
eſſe facho de luz que nos inundará
d'amor e de perdão... E emquanto que ſe eſpera

vamos ſentindo em nós a lubrica panthera,
o vicio, impedindo o aſſomo do Porvir!

É preciſo arraſar antes de conſtruir.

E o Poeta que vai ſempre de lança em riſte
á frente, combatendo o que ha de velho e triſte,
depois de ter extincto o apodrecido Ideal
da noſſa ſociedade—a adoração do Mal—
ſobre as ruinas, de pé, na lama do monturo,
aguarda a apparição das bandas do Futuro!

A LUIZ DE MAGALHÃES, MEU AMIGO

PANTHEISMO

1879

Quicquid est, in Deo est, et nihil sine Deo esse, neque concipi potest.

In rerum naturâ nullum datur contingens; sed omnia ex necessitate divinæ naturæ determinata sunt ad certo modo existendum et operandum.

SPINOSA, *Opera posthuma*,
Prop. XV et XXIX, *de Deo*.

De noite, quando a chuva açoita os arvoredos
foluçando e carpindo uns tragicos fegredos
na cyclopica voz dos furacões do ful;
quando é mudo e fombrio o concavo do azul,

e as nuvens coloſſaes batidas da procella
fogem na immenſidade, e a vaga ſe encapella,
erguendo-ſe raivoſa aos beijos do tufão;
quando o raio illumina a funda eſcuridão,
como eſtrella que vai perdida pelo eſpaço
deixando em pós de ſi no formidavel traço
uma fita de luz na treva coloſſal...
—a Natureza forma um côro univerſal!

Na batalha cruel dos cegos elementos,
nos gemidos da ſelva e no chorar dos ventos,
nos roncos do trovão, nos vagalhões do mar,
—ſombrio e taciturno eu ponho-me a ſciſmar
neſta lucta campal, neſte profundo grito,
neſte medonho ſom perdido no infinito,
neſte canto brutal, neſta horroroſa voz,
que parece trazer o aſſombro a todos nós,
e que é talvez um hymno, um cantico diſperſo,
entoado por Deus nas harpas do univerſo!...

Banha-me então não ſei que eſplendido fulgor...

A phantaſia toma as azas do condôr
e voa pelo eſpaço atraveſſando os ares...

Mas a Alma, acurvada ao jugo dos pezares,
a Alma, a etherea flamma, a eſplendida illuſão,
em vão tenta elevar-ſe e vai na eſcuridão
como um ébrio ſombrio a tactear um muro,
e adormece por fim ás portas do Futuro
crivada d'irriſões, ſem crenças no Ideal...

Deixa-ſe ennodoar no impuro tremedal,
e ao tombar ſobre o lodo iſenta d'enthuſiasmos,
em vão tenta lançar um jorro de ſarcaſmos
ſobre eſta ſociedade eſtupida e cruel...

E emquanto o penſamento, a eſplendida Babel,
voeja pelo eſpaço a phantaſiar chimeras
doiradas pelo ſol das roſeas primaveras...
Emquanto a lucta exiſte, emquanto é negro o ceu,
e a aurora não recolhe o tenebroſo veu
d'eſta noute ſem fim do lugubre combate;
emquanto o ſol não rompe em nuvens d'escarlate
como enorme exploſão das bandas orientaes,
e nos nichos de pedra em velhas cathedraes
dormem ſiniſtramente os ſolitarios ſanctos...
emquanto o mar ſoluça os ſeus enormes prantos
como um heroe vencido, um combatente audaz,

emquanto que não volta a deſejada paz,
fugindo eſpavorida a negra tempeſtade...

—afogo o meu olhar na vaſta immenſidade...
E neſta grande luſta, e neſte tumultuar
da Natureza-mãe, ſinto-me penetrar
d'um extaſis ſublime, um vago myſticiſmo...
A Alma ergue-ſe então do lodo d'eſte abyſmo,
eleva-ſe ao azul pela contemplação,
e alarga-ſe abrangendo a vaſta creação
tudo o que vive e exiſte em ſeu divino amplexo!

O viſionario tem um pallido reflexo
do Eſpirito Immortal, do Eſpirito de Deus;
e na contemplação tão intima dos ceus,
ha muito de commum nas almas dos poetas
e no eſpirito ardente e forte dos prophetas,
que altivos como heroes, hallucinados, ſós,
lançam por toda a parte a ſua ferrea voz
raſgando do Futuro o tenebroſo arcano...

Prodigio ſingular! prodigio ſobrehumano!

Alma! Ninguem ſondou a tua vaſtidão!

Ninguem achou a lei d'eſta gravitação
da Alma para o Bem—myſterio inexplicavel!
Não pode comprehender-ſe o vago, o inenarravel
da ſua eſſencia...—um aſtro a reſplender de luz
perdido no Infinito, um aſtro que ſeduz
e d'onde ſe deſtaca o brilho da Verdade
com todo o reſplendor e em toda a majeſtade!

É ſempre caſto e bom ſeu immortal fulgor...
Eſtrella que rutila irradiando amor,
e que jámais ſe extingue...
Aurora immaculada,
concentração do Sêr!...

A grande lança hervada
do Mal, o velho Mal, a negação do Bem,
nunca pôde ferir eſſa immortal cecem
d'uma candura ideal...
E á hora do treſpaſſe
quando a morte nos poiſa o labio ſobre a face,
labio terroſo e vil, d'um frio glacial,
—no ultimo eſtertor, o fulminado Mal,
deſprende-ſe de nós, lançamol-o de rojo,
e fica ſobre a terra aſſim como um deſpojo

para fermentação das velhas podridões,
entre as larvas da cova e as fujas podridões...

Emquanto a Alma vai puriſſima, ineffavel,
abyſmar-ſe por fim nos ſeios do Inſondavel!...

ESPHYNGE ETERNA

1880

Ce qui est au delà du savoir positif, soit, matériellement, le fond de l'espace sans borne, soit, intellectuellement, l'enchaînement des causes sans terme, est inaccessible à l'esprit humain. Mais inaccessible ne veut pas dire nul ou non existant.

.....

C'est un océan qui vient battre notre rive, et pour lequel nous n'avons ni barque ni voile, mais dont la claire vision est aussi salutaire que formidable.

E. Littré.

Aquella eſtranha voz que ſôa aos meus ouvidos
cheia de maldições e cheia de gemidos,
como a voz de Kaïn vibrando a immenſidade

da funda eſcuridão d'uma longinqua edade;
aquella eſtranha voz que eu ouço além clamar
como o enorme bramido inſolito do mar,
tomando aquelle rude e prodigioſo accento
que é o verbo da juſtiça e a luz do enſinamento;
aquella eſtranha voz prophetica e ſublime
que ſem tremer combate as repulſões do crime,
e atêa do paſſado a chamma tranſitoria
raſgando á noſſa viſta os porticos da Hiſtoria,

—reſponde com deſprezo e amargas ironias
aos problemas crueis e ás duvidas ſombrias
que ferem a razão como aceradas lanças!

Debalde tento erguer as velhas eſperanças
aos páramos do ceu alevantando os olhos...
Mas a razão baqueia entre parceis e eſcolhos,
a conſciencia treme, a conſciencia heſita.
Não baſta contemplar a abobada infinita,
não baſta unicamente ouvir dizer que Deus
habita na região vaſtiſſima dos ceus.
Não baſta compulſar os livros de Moyſés,
nem olhar como um crente os aſtros e as marés,
ou ſaber que Iſraël paſſára o Mar Vermelho.

Não é ſufficiente a lettra do Evangelho...
Para erguer a razão das trevas onde cae
inflammem-ſe de novo as ſarças do Sinai!
Que o ſaber alimente e eleve a intelligencia!
Para tranquilliſar a noſſa conſciencia
não baſta ſimpleſmente o que nos diz a fé:
o que enſinou Jeſus e o que enſinou Mahomet!

Andam as religiões em continuada lucta.
A fé encheu na Grecia a taça da cicuta,
alevantou a cruz no cimo do Calvario,
e no doido furor de monſtro ſanguinario,
para abafar a voz da ſciencia que troveja,
encerrou Galileu nos carceres da egreja;
e como um ſacrificio ao Deus ſombrio e fero
mandou queimar João Huſſ e excommungou Luthero!

Vale mais do que a Biblia e mais que o Alkorão
a radioſa luz d'uma conſtellação.

A Natureza é como um grande livro aberto.
Mas ſe acaſo a razão no largo vôo incerto
procura deſcobrir as cauſas e as origens,
apoſſam-ſe de nós as tragicas vertigens

que nos podem levar no immenſo cataclyſmo
aos maraſmos da fé e ás ſombras do atheiſmo!
Se procuro ſaber que força incoercivel,
que prodigioſo Sêr, que Eſpirito inflexivel
num impeto arrancou do cahos o univerſo;
ſe procuro ſaber que genio anda diſperſo
na grande ſolidão da azulea curvidade;
ſe pergunto:—Quem foi que deu á immenſidade
o lampejo dos ſoes e das conſtellações
cravadas no infinito?—As mil revoluções
dos aſtros immortaes na orbita gigante,
quem foi que as regulou no ſeu gyrar conſtante?

Em meio da incerteza e do cruel tormento
deixo-me arrebatar na aza do penſamento...
Mas o myſterio atroz e horrivel em que ſciſmo
tem a attracção fatal, tem a attracção do abyſmo!
E entre o Principio e o Fim o eſpirito oſcillando,
com a ancia febril do ſabio meditando
na grande ſolução d'algum problema eterno,
é como uma bandeira aos vendavaes do inverno!

Na tremenda loucura e no tremendo incendio
da duvida que eſmaga e que é um vilipendio

ao poder da razão, da intelligencia humana,
empenho-me de novo em outra lucta infana!
Interrogo o paſſado, as religiões e os mythos,
os povos e as nações, os idolos e os ritos...
mas quando dou começo á minha lucta ingloria
ouço de novo ao longe a rude voz da Hiſtoria.

Cheio d'heſitações e de perplexidades
entro calado e ſó no templo das edades.
Ao tranſpor os umbraes da tenebroſa nave
humillimo e ſereno e reſpeitoſo e grave,
abyſma-ſe a razão no immenſo labyrintho...

Vejo ante mim, de pé, todo o paſſado extincto.

E aquella eſtranha voz que ſôa aos meus ouvidos
como um ſoturno côro enorme de gemidos,
vibra na immenſa nave e falla-me:

—«Poeta!
Debalde attingirás a ambicionada meta.
Jámais encontrarás a ſolução que buſcas.
Neſſa batalha infinda a intelligencia offuſcas
ſem que vejas fulgir a lua daVerdade.

Podes interrogar o ceu e a immenſidade,
a voz do furacão, as ondas tumultuoſas,
o murmurio da ſelva e o coração das roſas,
dos canticos do mar ás aguias altaneiras,
dos ſorriſos da aurora á flor das larangeiras!
Podes interrogar os virginaes ſegredos
que fizeram brotar os cedros e os rochedos,
os myſterios do amor, dos berços e dos ninhos...
Has de raſgar os pés neſtes ſarçaes maninhos,
que a razão não deſcobre e a ſciencia não attinge,
mas não decifrarás a tenebroſa Eſphynge!
Podes interrogar os deuſes fabuloſos,
os mythos orientaes, os ritos caprichoſos,
os idolos mongoes e as tribus africanas,
que nada mais verás do que ficções humanas!

Em vão procurarás o verbo ſcintillante
nos labios de Platão e na razão de Kant.
Nunca deſcobrirás eſſe fatal problema.
Se o buſcas, tombarás neſte cruel dilemma:
deſprezar a ſciencia ou abraçar a fé:
inſultar a razão para adorar Mahomet.

Inveſtiga, interroga e eſtuda em toda a parte

os problemas da ſciencia e as intuições da arte.
Vôa do Mar do Norte aos indicos palmares,
dos climas do occidente ás regiões polares
interrogando a terra e interrogando o homem...
Nunca diſſiparás as trevas que te ſomem
a vaſta ſolução em que d'ha muito ſciſmas,
em que a tua razão e a intelligencia abyſmas!

Se ouſares perguntar: —Quem arrancou o mundo
do cahos primitivo horrivel e fecundo?
quem foi que deu as leis que regem a materia
e os aſtros diſſipou pela amplidão etherea?
—Para te reſponder, ſiniſtros e velozes
na grande confuſão dos gritos e das vozes—
os indios bradarão, num geſto reverente,
que o eterno creador foi *Brahma* omnipotente;
na China hão de clamar que foi a luz do ſol...
E em toda a parte e ſempre, o arabe e o mongol,
no Egypto e no Japão, ſelvagens e judeus,
cada um ha de bradar por ſeu diverſo Deus!
A *Trindade chriſtã,* o *Ser Supremo, Allah,*
ſão ficções que a razão de todo expulſará.
Como *Jupiter, Zeus, Cybeles* e *Saturno*
nas ſombras do paſſado immergem a ſeu turno.

O *Olympo* eſtá deſerto; os deuſes exilados
andaram-ſe a exhibir na rampa dos tablados.
A razão que ſalvou a humanidade eſcrava,
envolveu *Jehovah* na ſua ardente lava,
e extinguiu para ſempre a treva—preconceito!

Eu quiz deſopprimir-te o ſuffocado peito,
libertal-o, arrancar-lhe o ultimo prejuizo...
Hoje ninguem receia o *dia do juizo,*
que os deuſes, como vês, ſão todos verdadeiros
como os heroes d'Homero, os inclitos guerreiros...

Fatal contradicção da miſeravel ſorte!
Que tudo venha a ſer tocado pela morte!
Metamorphoſe eterna!... É como os furações
o tempo, que deſtroe as crenças e as nações!
Ceci tuera cela...
Mas nunca deſeſperes.
Para que o ſentimento e a força retemperes,
contempla com aſſombro o eſpaço e a Natureza,
e deixa-te enlevar na eſplendida grandeza
dos aſtros e dos ſoes, conſtellações e mundos!
Os teus olhos febris, cavados e profundos,
hão de arrancar talvez o myſtico ſegredo

ás convulſões do mar e ás vozes do arvoredo!
A ſciencia não chegou a deſcobril-o; a arte
ás regiões do Ideal é que ha de arrebatar-te
nos vôos da intuição!...»

Aſſim fallara a voz
que o echo repetiu num fremito veloz
que ſe perdeu no eſpaço. Olhei então á roda:
a primavera enchia a Natureza toda
de perfumes e ſons—tudo formava um cantico.
Parecia um eſpelho o rumoroſo Atlantico.
O largo ſol pairando enorme e rutillante
no gyro coloſſal da ecliptica gigante,
beijava—auſtero amigo—os lirios das campinas,
coloria, eſmaltava os trevos e as boninas,
fazendo ſcintillar cheio d'ignotos brilhos
o boſque ſilencioſo e os lourejantes milhos!

Ao ver por toda a parte a Natureza em flor
num connubio ſagrado em convulſões d'amor,
de joelhos adorei o Eſpirito ſecreto,
que fez brotar no monte o ſolitario abeto
e fecundou no prado o cardo trivial...
No grande turbilhão da vida univerſal

exifte um Deus occulto... A flor que defabrocha
em meio da aridez, das fendas d'uma rocha,
é uma alma que fe expande...
Em impetos nervofos
beijei da Natureza os flancos uberofos
nos arroubos febris d'um extafis contrito...

Cheio de gloria, o fol pairava no infinito!...

AHASVERUS

1881

(DO POEMA INEDITO — *A VIA DOLOROSA*)

La route du progrès c'est le chemin des tombes.

V. HUGO, *L'Année Terrible.*

... cette marche ne peut être abrégée; il faut la suivre avec la patience nécessaire.

H. SPENCER, *Introduction à la science sociale.*

.....

....

Como a lava irrompeu das guelas dos vulcões
arrafando, envolvendo em lividos clarões
tudo o que refiftiu á fua marcha hedionda,

e o boſque ſecular e a rocha e o cedro e a onda,
ſe curvam ao fulgor da chamma triumphal,

—o Progreſſo brotou da lucta univerſal
como d'um grande abyſmo após um longo abalo.

E deſde então, montando o ſeu feroz cavallo,
ninguem, ninguem jámais o pôde ſubjugar...
Não ſei que immenſa luz, que eſtrella ſingular
o guia pela eſtrada a illuminar-lhe a fronte.
Á medida que ſobe alarga-ſe o horizonte.
Na montanha da Vida onde caminha, os ceus
eſtão mais perto já, eſtá mais perto Deus.

Quer ſeja á luz do dia ou pela noite eſcura,
num eſſorço conſtante o ſeu olhar procura
o caminho que leva á edenica região,
raſgando a pouco e pouco a infinda eſcuridão
como aurora boreal—o rubro olhar do polo.

Invencivel heroe, erguendo altivo o collo,
avança conquiſtando a ambicionada luz.
Foi-lhe baptiſmo o ſangue e o pranto de Jeſus.
E ſempre a galopar na eſtrada do Infinito

não o fazem deter as maguas do proſcripto,
os ſoluços do eſcravo, em guerras de titan.
Caminha olhando ao longe a Eſtrella da Manhã,
erguendo e derrocando aſſim como as procellas...

Lança de çada mão uma alluvião de eſtrellas.
Sob a palpitação magnetica dos ſoes
é como a encarnação ſublime dos heroes!

Nada, nada o ſuſtem na ſanguinaria lucta:
as contorſões da fome e a infamia da cicuta,
a miſeria, a oppreſſão, o carcere, as traições...
O ſeu braço rebenta a grade das priſões.
Edifica e deſtroe, exalta ou aſſaſſina.
A ſua voz troveja, o ſeu olhar fulmina.

Viu Socrates morrer; o intrepido Catão
raſgar ſerenamente o auſtero coração...
Viu eſta gloria—a Grecia, e eſta grandeza—Roma;
as noites de Caprêa, os vicios de Sodoma...
Ouviu prégar Jeſus, o auſtero galileu,
lançando o olhar dorido aos paramos do ceu,
o ſeu olhar ſuave e manſo como um lago,
perdido pelo eſpaço entre o infinito e o vago...

Mas não parou. Da treva as rudes legiões
não o detêm. Brotou do flanco das nações
e marcha ſem temer a inquiſição e o throno...
Os monſtros de que ſalla a hiſtoria: — Carlos Nono,
Sixto Quintô, Luiz Onze, o furioſo Ivan,
não fazem deſmaiar os brilhos da Manhã
embora o ſangue tinja as mãos dos aſſaſſinos...
Deixa por toda a parte os ſeus clarões divinos.
É ſeu guia na marcha olympica e brutal
nas ſendas do Futuro a Eſtrella do Ideal.

Caminha, embora ſinta o coração exangue.
Leva o manto glorioſo ennodoado em ſangue.
Cavalleiro ſombrio é elle que conduz
a Humanidade eſcrava ás regiões da luz
da civiliſação na eſtrada luminoſa...

Chama-ſe aquella eſtrada a *Via Doloroſa.*

SACERDOS MAGNUS

1881

... razão ha que queira eterna gloria
quem faz obras tão dignas de memoria.
Lus., c. II, est. 113.

Deixae avoejar, ſerena como o dia,
a borboleta azul da voſſa phantaſia...

Sciſmando, imaginae numa região diſtante,
um poço enorme e fundo, um barathro gigante,
onde ruge bramindo um rude cataclyſmo
d'aquellas ſolidões convulſionando o abyſmo.
As larvas ſepulchraes e as lividas chimeras,
os hediondos reptis e as monſtruoſas feras,

*

tudo o que ha de medonho e pavorofo, affombra
o noffo olhar perante aquella horrivel fombra,
onde paffam, batendo a negridão dos ares,
as azas coloffaes d'aves crepufculares.

Ninguem fabe o que encerra aquelle abyfmo enorme.
Se o vamos contemplar, um fufto defconforme
apoffa-fe de nós, cobrindo-nos de efpanto.
Ululando no efcuro um tumultuario canto,
num rugido feroz de gritos e lamentos,
os doidos efquadrões electricos dos ventos,
naquella vaftidão d'um negro illimitado,
enchem de hefitações como um terror fagrado.

E no emtanto, o mineiro eftrenuo e de coragem,
que ao fundo fe arrojar da lobrega paragem,
ha de encontrar talvez uma riqueza immenfa:
o trabalho que a terra em feculos condenfa
nas cryftallifações da Natureza inteira!

A força pertinaz vence a maior barreira.

D'effe abyfmo tremendo, efcancarado e frio,
—necropole medonha ou tumulo vazio—

á força de luctar, homens perſeverantes,
hão de arrancar por fim punhados de diamantes!

O trabalho da terra, activo e ſilencioſo,
ſemelha-ſe ao trabalho heroico e portentoſo
da Idêa que alimenta a multidão das gentes...
É como o germinar occulto das ſementes,
no confuſo tropel das luctas ſoberanas,
a lenta geſtação das creações humanas!

A Edade-Media foi um tenebroſo abyſmo,
em cuja eſcuridão, quando eu medito e ſciſmo,
vejo a lucta ſombria, o batalhar conſtante
d'uma elaboração activa e fecundante,
onde ſe retemp'rou a ſeiva das idéas
que exploſiram mais tarde, eſmigalhando as pêas,
aos rutilos clarões do ſol da Renaſcença!

D'eſſe abyſmo ſombrio e d'eſſa treva immenſa,
eſte mineiro—a Idêa—em tragico arremeſſo,
arrancou o diamante a que chamais Progreſſo!

Brotou a Renaſcença, a epocha ſublime,
que o noſſo imaginar, dobravel como um vime,

entrevê ſob o azul aveludado e limpo
d'um ceu formoſo e bom, d'um fabuloſo Olympo...

Na irradiação de luz d'eſſa brilhante edade,
que lançou pela terra a viva claridade
das vaſtas concepções d'uma grandeza immenſa,
em que a Arte e o Saber num todo ſe condenſa
e abala do Paſſado os ambitos profundos,
—Galileo determina a rotação dos mundos;
vibra no eſpaço a voz de Rabelais e Eraſmo:
a epica riſada e o livido ſarcasmo,
dois arietes que vão bater e deſtruir
o reducto que enſombra a aurora do Porvir.
A ſublime invenção da Buſſola e da Imprenſa
abre ao trabalho humano uma alvorada immenſa,
como pharoes guiando o Penſamento humano
entre as ondas da Sciencia e os vagalhões do oceano!
A Idêa vai ſubindo, a Idêa omnipotente!
Colombo entrega ao mundo um novo continente,
e Bacon, deſtruindo o emmaranhado obſcuro
da Eſcholaſtica, affirma a ſciencia do Futuro!
Luthero, o penſador energico, immortal,
lança um riſo tremendo á excommunhão papal;
e da *bulla* queimada á rubra claridade

o Penſamento vôa em plena liberdade,
quando jazia ao dogma acorrentado e oppreſſo!

Era a fermentação latente do Progreſſo!

Um movimento enorme actùa em toda a parte:
dos dominios da Sciencia ás regiões da Arte.
Na rudeza feroz d'uns impetos ſecretos,
Alighieri fundira o bronze dos tercetos,
ſombrio gibelino em coleras acceſo...
Leonardo de Vinci, Corregio, Veroneſo,
dão a côr e a expreſſão ás concepções mais bellas;
Raphael, debuxando as precioſas telas,
ao paſmo do Futuro e á noſſa admiração
legava eſſe prodigio—a *Tranſſiguração.*
Coloſſo que deſlumbra a noſſa pequenez,
Miguel Angelo arranca a eſtatua de Moyſés
d'um *bloco* de granito; e o Palleſtrina cria
o *canto fermo* e inunda a Italia d'harmonia.
O Taſſo, eſculpturando eſtancias ſublimadas,
cantava na epopêa a gloria das cruzadas;
Arioſto celebrava o furioſo *Orlando;*
e no ſuave correr do eſtylo ameno e brando,
neſte bello eſplendor que illuminava o Lacio,

corria, zombeteira, a penna de Boccacio.
Synthetifando o Amor, paixão ferena e calma,
que faz abrir a flor puriffima da Alma
na doce embriaguez que o coração abarca,
vai na efteira de Laura o genio de Petrarcha...

Heroica agitação, forte renafcimento
que o paffado efplendor tirou do efquecimento
onde tudo jazia em confufão cahotica!
Scintillante cryfol que unira a ogiva gothica
ao velho templo grego! Efplendida manhã,
cuja luz alliada á infpiração chriftã,
perdida no fulgor d'um vago myfticifmo,
fizera renafcer o antigo paganifmo
e de novo furgir todo o efplendor da Grecia!
Com as irradiações de glorias, entretece-a
o noffo imaginar, no fundo das edades,
como num quadro antigo immerfo em claridades...

Nós vemol-a furgir fob o profundo ceu
que contemplou a eftatua alevantada em Milo,
Ariftophanes rindo ou trovejando Efchylo,
e Homero defprendendo ás virações do Egeu
a theorba immortal, magnanimo e tranquillo...

Renaſceram de novo os tempos luminoſos
d'eſſa edade pagã, que tinha a Grecia cheia
do divino clarão dos genios prodigioſos;
em que Apelles pintava a lubrica Aſtartêa
e Phidias cinzelava os marmores precioſos...

A Italia admirava a terra da Poeſia,
os ſeus homens do Mar, guerreiros ſem deſdouro,
que foram conquiſtar o mythico theſouro,
ſem buſſola, á mercê da freſca mareſia,
na grande expedição do *Vellocino d'Ouro.*

A Arte foi beber neſſa região divina,
neſſe uberrimo ſeio aberto ao mundo inteiro,
o paiz, onde o Sol no occaſo derradeiro
com paſmo contemplava o heroe de Salamina,
pondo faiſcações nas armas do guerreiro!...

Tudo iſto reſurgiu neſſa alvorada intenſa,
—tempeſtade de luz chamada Renaſcença—
em cujo limiar ſe eleva rutilante
o ſevero perfil do tenebroſo Dante,

Nefte bello fulgor que enchia a Natureza
d'uma alimentação de gloria e de belleza,
e d'entre a legião de genios coloffaes,
que levantam ao ceu gigantes cathedraes
e animam com o efcopro a rocha das montanhas;
que imprimem fobre a tela as creações eftranhas
e fundem no poema as vaftas concepções,

—furge radiofo e enorme o genio de Camões!

Eu não fei bem o que ha de prodigiofo e grande
nefte nome que em nós a fua luz expande,
amoftrando o paffado em limpida miragem,
que nos enche de gloria e que nos dá coragem,
fazendo palpitar d'affectos immortaes
os noffos corações heroicos e leaes...

É que elle é para nós o eftimulo do Bem:
encerra o Amor da Patria, e a Patria é noffa Mãe!

O nome de Camões lembra a paffada gloria
d'um povo fem egual nas paginas da Hiftoria,
que arremeffava ao mar as fuas naus valentes
para levar a luz a ignotos continentes;

d'um povo que esmagara os rutilos alfanges
e num amplexo enorme unira o Tejo ao Ganges!

Quem ha que se não julgue enthusiasmado e altivo,
sentindo palpitar, immenso, heroico e vivo,
o peito portuguez nas folhas d'esse poema,
o assombro da Epopêa, a synthese suprema
d'este povo que fez o espanto das Nações?!...
Um nome simplesmente, um symbolo — Camões —
resume um povo inteiro!...
Oh genio poderoso!
quem sabe o que tu és! que sopro mysterioso
na face te depoz a luz serena e forte
que faz pasmar o Mundo e recuar a Morte!...
Quem sabe d'onde vem a força creadora,
que fez que o teu olhar fosse uma grande aurora,
cuja luz penetrou no fundo do Insondavel?!

Mysterio colossal! Esphynge inexplicavel!

O olhar do Genio assombra, e tem a propriedade
que faz sahir da treva a intensa claridade
que nos deslumbra e eleva ás regiões do Ideal:
o Infinito augmentando as percepções do Real!

Não ſei que força eſtranha e rude me domina
quando me inunda a luz da Inſpiração divina
que o Genio modelou no bronze dos ſeus cantos
com gritos de enthuſiaſmo e commoções de prantos.
É como a luz do Sol que as altas ſerras doira!
Tem o impeto do mar que ſe enraivece, e eſtoira
os arrancos febris nas ſolidões da praia!
Como a aguia que vôa aos cimos do Hymalaia,
o Genio tambem ſobe ás altas eminencias,
deſlumbra com a luz das grandes evidencias
que ſó elle arrancou das ſombras do Poſſivel
nos vôos da intuição—a luz indefectivel
que vai illuminar e encher de claridade
do coração humano a vaſta eſcuridade...

Foi elle que legou ás gerações por vir
os anceios do *Fauſto* e as maguas do *Rei Lear;*
os ciumes do *Othello* e as timidas *Ophelias,*
ſuaves como a luz ſerena das antelias
no ſilencio dorido e triſte do luar...
Foi elle que inſufflou, no eterno labutar,
ás rapſodias da Grecia as epicas rajadas,
que ao lêl-as penſo ouvir as linguas das eſpadas,
cantando pelo eſpaço as luctas dos heroes!

O Genio tem no craneo o rutilar dos soes!
Concebe com o eſforço enorme de Titan,
num dia o *Dom Quixote*, e no outro *João Valjean;*
Manfredo e *Prometheu*, o orgulho giganteſco,
a grande abnegação e o grande ideal tudeſco.
Foi quem fundiu no bronze os verſos das *Iliadas*
e quem gravou no livro os cantos dos *Luſiadas*,
a maior creação moderna da Epopêa!...

Ha não ſei quê de vivo e ardente que incendêa
em noſſos corações os fortes ſentimentos,
nas vaſtas concepções e nos deſlumbramentos
que neſſe poema eterno o Genio condenſou...
Nunca a maior altura a aguia ſe librou!
Se o leio, um ſopro ardente o coração me inflamma!
julgo ver o perſil do deſtemido Gama,
em pé, ſobre o convez dos rudes galeões
que vão a demandar inhoſpitas regiões,
interrogando altivo e cheio de pavor
a eſtranha apparição do fero *Adamaſtor*...
Encho o meu coração de ſombras illuſorias
na larga deſcripção d'eſſas paſſadas glorias,
e ſinto-me valente e d'alma reſoluta
para tentar de novo a abandonada lucta...

É que o Poeta fundiu neſſa epopêa ingente
todo o ſentir d'um povo energico e valente,
que outr'ora avaſſallara os rebellados mares
e o nome ouſou gravar no chão dos aduares!...
E é por iſſo que nós, com um reſpeito egual
á grandeza, ao valor do Genio coloſſal,
lhe vimos tributar, cheios de commoção,
todo o reſpeito e amor do noſſo coração.
E é por iſſo que nós, toda a geração nova,
vimos ſaudar o Genio immenſo que renova
em noſſos corações a crença que dá vida,
a crença no porvir da Patria adormecida
no pezado torpor de eſtranha ſomnolencia...
E é por iſſo que nós, diſcipulos da Sciencia
que ha de abrir um raſgão no tenebroſo muro,
que ha muito já nos veda as portas do Futuro,
vimos preſtar o culto e o preito d'homenagem
áquelle que nos enche a alma de coragem,
que é toda noſſa gloria e toda a noſſa eſp'rança!

É preciſo cumprir eſſa pezada herança
que o genio nos legou: — entremos pois na liça!
que nos ſirva de guia o Archanjo da Juſtiça
na conquiſta que leva ás glorias do Progreſſo!

Podemos ſuccumbir das luctas no começo!
Podemos ſuccumbir no grandioſo embate
formidando e brutal do inſolito combate...
Mas o que ha de exiſtir no mundo eternamente,
eſſe livro immortal do Genio reſplendente,
fica para indicar ás novas gerações
a terra que embalara o berço de Camões!,..
E o ſeu nome a brilhar nas radiações da gloria,
domina e reina já nas paginas da Hiſtoria
por entre as convulſões e os grandes deſenganos,
como um facho de luz ſobre trezentos annos!

ESBOÇO D'EPOPÊA

O HOMEM

1882

Tous les hommes sont l'Homme! un seul peuple! un seul Dieu!

V. Hugo, *L'Année Terrible.*

... on devient convaincu que l'avenir lointain tient en réserve des formes de vie sociale supérieures à tous ce que nous avons jamais imaginé...

H. Spencer, *Introduction à la science sociale.*

Quem ſabe onde naſceu o heroico Aventureiro?
debaixo de que ceu o livido eſtrangeiro,
ao rubro deſpontar d'auroras glorioſas,
olhou primeiro o ſol e viu primeiro as roſas

nos montes virginaes das epochas ſelvagens
onde o luar produz phantaſticas paizagens
e faz tremeluzir os lagos de cryſtal?...

Como a aguia que deſprende o vôo triumphal,
o Eſpirito do Poeta errante e vagabundo,
contemplando o Viageiro a percorrer o mundo,
dos tropicos de fogo aos circulos polares,
dos paizes da Europa ás terras malabares,
procurou deſcobrir a procedencia, a origem
do cyclope immortal que paſſa na vertigem
d'um combate ſem tregua a vida tumultuoſa...
E viu-o numa noite eſplendida e calmoſa
em que o luar manchava a limpidez cerulea,
deſenhando no eſpaço a perſpectiva herculea,
de pé, ſobre um penhaſco erguido á beira-mar.
Á glauca immenſidade arremeſſava o olhar,
o ſeu nublado olhar, cheio d'eſtranhas maguas,
extatico, fitando o tumultuar das aguas...
Então, das ſolidões monotonas do oceano,
eſcutou-ſe uma voz d'um timbre ſobrehumano,
como ſe por acaſo o fabuloſo Atlante
fallaſſe, apoſtrophando a ſombra do gigante,
cujo olhar dominava o ſeu eſpumeo dorſo...

O mar fez ſobre ſi um violento eſſorço,
e a voz interrogava o myſterioſo athleta...

Como o grito ſublime e ardente d'um propheta
no deſerto prégando ás tribus orientaes,
echoaram pelo eſpaço as notas marciaes
d'eſte canto febril de guerra e de victoria:

—«Venho das ſolidões phantaſticas da Hiſtoria,
a luctar, a luctar continuadamente
com eſta natureza uberrima, inclemente,
a aſpereza da terra e as eſtações avaras,
até que pude emfim deſentranhar-lhe as ſearas,
quando o ſol, derretendo as neves da geleira,
fazia rebentar a flor da amendoeira,
e expulſava o mamouth para as regiões do Norte.
Olympico ſoldado avaſſallei a Morte
neſſe eſſorço brutal da lucta pela vida.
Combati, dominei, levei-a de vencida,
—belluario que luctava a todos os momentos,
tendo por inimigo os doidos elementos,
o gelo, o vendaval, a chuva, a tempeſtade...

Mas nunca ſuccumbi! Deſde remota edade

na guerra que travei, na infolita batalha,
arremeffo o Paffado ás trevas da mortalha
montado no corcel nervofo da Victoria,
e forte como um deus, cheio de crença e gloria,
inundo-me na luz intenfa do Futuro.

Era um invio trajecto o meu caminho obfcuro.
Eu vim a tactear pelas eftradas fóra
luctando com a Noite e conquiftando a Aurora,
d'uma edade longinqua ás epochas modernas...
Habitei no filencio horrivel das cavernas,
vivi na folidão, errante pelos montes,
luctei com os leões e os velhos mafthodontes
chegando a efcravizar os monftros primitivos.
Celebrei fobre a relva os ágapes feftivos
juncto aos lagos que o fol doirava d'efplendores,
beijando o nenuphar que abria as tenras flores,
as thuyas da florefta e o mufgo dos rochedos,
quando o vento agitava os grandes arvoredos,
e dormiam ao pé da felva, que fe enrama,
amphibios coloffaes de reluzente efcama!

Pelejei, mas venci—bemdicto defefpero!
num tempo que ultrapaffa as epochas d'Homero,

mais velho que os Indús e os Pharaós do Egypto...
Na aſcenſão da montanha immenſa do Infinito
vou deixando ao paſſar veſtigios perſiſtentes.
Na India concebi os *Vedas* tranſcendentes;
no Egypto, amortalhado em precioſas chlamydes,
lancei para o azul o arrojo das *Pyramides,*
com os Hebreus parei olhando a *Promiſſão.*
Fallou por mim na Grecia a bocca de Platão;
em Roma dei a Lyra ao genio de Virgilio,
com Ovidio chorei nas ſolidões do exilio,
e fui quem dirigiu, entre a loucura e o panico,
os doidos eſquadrões do Barbaro germanico.
Creei, na confuſão dos tempos medievaes,
eſſes poemas de pedra, as velhas cathedraes,
arremeſſando ao eſpaço as flechas ponteagudas
como preces que vão ſilencioſas, mudas,
aos páramos do ceu, noſtalgicas do azul.
Andei de mundo em mundo e fui do Norte ao Sul
no ſoberbo corcel do *Cavalleiro Andante,*
d'eſcudo armoreado e rigido montante,
combatendo, eſmagando as oppreſſões do Crime,
glorioſo no meu ridiculo ſublime!
Fanatico do Amor, nas gothicas ogivas,
evocava de noite as brancas ſenſitivas,

as doces caſtellãs de pallidez marmorea,
que eu via apparecer como illuſões de gloria
banhadas no arabeſco ethereo do luar...
Fui eu quem fez ouvir num mundo a deſabar,
como um echo eſtalando em ambitos diſtantes,
a ſoberba riſada heroica de Cervantes!...»

Calou-ſe de repente o myſterioſo vulto.
O Poeta eſcutava o ſeu deſtino occulto,
e de novo ſe ouviu, d'entre o rugir das vagas,
a voz, que ſe perdia em diſtanciadas plagas,
bradando:—«Continúa eſſa epopêa heroica,
gigante de bondade e de grandeza eſtoica,
athleta que fizeſte o aſſombro das eſtrellas!»—

Como os trovões batendo a furia das procellas,

—«Eſcuta!—proſeguiu o antigo Aventureiro—
a eſtranha narração do meu viver inteiro;
o enthuſiaſmo, a gloria, a força, a indignação,
tudo o que faz bater cá dentro o coração,
tudo o que faz vibrar o eſpirito irrequieto,
dos prantos da triſteza ao jubilo ſecreto,
dos problemas da Sciencia ás illuſões do Amor!

Calei-me para olhar o dubio refplendor
da aurora que rompeu, como explofões de lava.
Tambem na minha hiftoria a Idêa rebentava
da fombria mudez dos tempos medievaes...
Apagam-fe no efpaço os lumes immortaes,
e eu quero-te contar o meu deftino amargo,
antes que o dia inunde o azul profundo e largo,
e fe extingam de todo os aftros pelos ceus.

Eu fou da velha raça herculea dos Anteus.
Banhei-me nos clarões d'um mundo que furgia,
d'um fol que deflumbrava a immenfa ruinaria,
rafgando a efcuridão que tinha a terra envolta.
Cantei a Liberdade e os hymnos da Revolta,
proclamei a Razão, préguei a heroicidade,
—Prometheu, conquiftei o fogo da Verdade
em luctas defeguaes, batido, flagellado,
fem nunca fer vencido e nunca fubjugado!

Os gritos da procella e as vozes do trovão
faudaram pelo efpaço o *Rei da Creação,*
que foube efmigalhar a fua antiga algema,
e, livre, contemplar effe eftupendo poema
onde o raio accentùa a noite em que medito

como eſtrophe de luz gravada no Infinito.
Com a força tenaz que gera os grandes feitos
derroquei, deſtrui, minei os preconceitos,
e audaz como ſe foſſe um gladiador antigo,
fiz vacillar, caír dos thronos o Inimigo,
cuſpi com Juvenal nos ceſares romanos,
e para derrubar os ultimos tyrannos
fiz eſcutar no mundo a gargalhada fria
d'eſſe Homero—Voltaire, o athleta da Ironia!»

O doce roſiclér da aurora viva e freſca
dava ao quadro ſombrio a côr mais pittoreſca,
nas gradações da luz que os mundos incendêa,
banhando eſſa figura eſtranha d'epopêa
—com a cabeça erguida e com a enxada ao hombro—
parada a contemplar, com a mudez do aſſombro,
nos chuveiros de luz do ſol que ſe levanta,
a Natureza inteira—o mar, o ceu, a planta...

O Athleta continuava a hiſtoria aventureira:

—«Se um momento repoiſo á ſombra da palmeira,
ſe paro a contemplar os turbilhões aſtraes,
arrojo para o eſpaço os templos immortaes,

impávidos batendo o exercito dos ventos,
cidades, capitaes, eſtatuas, monumentos,
deixando em toda a parte indicios da paſſagem...
E muitas vezes tomo um impeto ſelvagem,
produzo ao caminhar deſolações funeſtas,
e vou como um tufão a derrocar floreſtas,
as floreſtas do crime aonde o vicio medra,
robuſto e virginal como um titan de pedra!

Na guerra que travei, guerra que tanto aſſombra,
venci a Natureza e dominei a ſombra.
Se a terra não produz e a Noite barbariza,
a penna reconſtrue e a enxada fertiliza.
D'eſtas forças, que ſão as glorias que ennobreço,
brotou a reſultante immenſa do Progreſſo!
Com ellas combati o mundo antigo e triſte,
enchi de luz e amor tudo o que vive e exiſte
ſob o caſto docel azul da immenſidade...
Venci a eſcuridão, venci a tempeſtade
arrancando-lhe ao ſeio o raio deſtruidor...
Tomei o Penſamento, enchi-o de fulgor,
dei fórma á concepção como um veſtido d'aço,
e a machina partiu ſubmettendo o eſpaço!
Como um ſonho febril, relampago veloz,

faço de polo a polo ouvir a minha voz,
atraveſſando o eſpaço e atraveſſando as ondas
onde não chega a luz e onde não chegam ſondas.
Agoniſei, luctei, ſoffri, andei de raſtros,
mas hoje encaro o ceu marcando o rumo aos aſtros,
e com as naus humilho as tumultuarias vagas!
Não me fazem parar lamentação e pragas,
nem deſcanço ao vencer as ultimas contendas.
O meu deſtino é como o do Judeu das lendas
caminhar, caminhar no mundo eternamente...

O Porvir não decora a eſtrophe do Preſente!

E na grande attracção profunda, irreſiſtivel,
para o Deſconhecido e para o Inacceſſivel,
ſinto que dentro em mim um *quid* ſe elabora,
que me ha de arrebatar em pavilhões d'aurora
aos mundos do Porvir, tão proximo dos ceus,
na ſuprema aſcenſão, tranſſigurado em Deus!»—

INDICE

	Pag.
Prefacio	III
Contemplações	I
A Morte do Ideal	7
Pantheismo	15
Esphynge Eterna	21
Ahasverus	31
Sacerdos Magnus	35
Esboço d'Epopêa	49

LIVRARIA CENTRAL DE J. DIOGO PIRES—EDITOR

COIMBRA

ANTONIO FEIJÓ—*Transfigurações*, 1 vol. em 8.º—1882 500

——— *Sacerdos Magnus*, verſos recitados no Theatro Academico no ſarau litterario celebrado na veſpera da inauguração do monumento a Luiz de Camões, em 8.º—1881 200

LUIZ DE MAGALHÃES—*As Navegações*, verſos recitados no Theatro Academico no ſarau litterario celebrado na veſpera da inauguração do monumento a Luiz de Camões, em 8.º—1881 200

AUGUSTO ROCHA—*Origens e Caracter da Epopeia Portugueza*, conferencia proferida em a noite de 10 de junho de 1880 no ſarau litterario promovido pelo *Inſtituto*, em 8.º—1880 300

A. DE MACEDO PAPANÇA—*Catharina de Athayde*, poema em tres cantos, 2.ª edição (no prelo).

——— *Crepuſculares*, 1 vol. 500

F. DE CASTRO FREIRE—*Recreações Poeticas*, em 8.º... 400

TH. RIBEIRO—*Jornadas*, 2 vol. em 8.º ..... 1$200

A. SARMENTO—*Contos ao Soalheiro* 500

JERONYMO SOARES BARBOSA—*Analyſe dos Luſiadas de Luiz de Camões*, dividida por ſeus cantos, 2.ª edição, —1882 400

O Godfredo ou Jeruſalem Libertada, poema heroico, compoſto em idioma toſcano por Torquato Taſſo, traduzido em portuguez por André Rodrigues de Mattos, 3.ª edição, em 8.º—1882 600

O Nove de Outubro ou Breves conſiderações ſobre a ultima guerra civil, por um liberal—Porto, 1849..... 480

Hymno Academico, dedicado aos eſtudantes de Coimbra por J. C. A'Nell de Medeiros e J. A. Sanches da Gama, para canto com acompanhamento de piano, 2.ª edição 500